



VI ENLIJE
Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

COMUNICAÇÃO VISUAL NO LIVRO INFANTIL - ANÁLISE INTERPRETATIVA DE *SETE PATINHOS NA LAGOA*

Anália Adriana da Silva FERREIRA

Universidade Federal de Campina Grande – analiadriana@gmail.com

Márcia TAVARES

Universidade Federal de Campina Grande – tavares.ufcg@gmail.com

Resumo: O presente trabalho se propõe a fazer uma análise interpretativa da ilustração do livro infantil *Sete Patinhos na Lagoa* (2012), autoria de Caio Riter e ilustrações de Laurent Cardon. Apresenta breve levantamento sobre os tipos de livro infantil, concentrando-se no livro ilustrado e suas necessidades de leitura. Aborda a dinâmica de leitura entre texto e imagem na narrativa da obra, com análises enfatizando o âmbito da ilustração. A metodologia utilizada vale-se das leis da Gestalt e Semiótica Peirceana para estruturar a análise interpretativa sugerida. Mergulhando na leitura visual, nos traços, cores, linhas e soluções utilizados pelo ilustrador, busca-se compreender as mensagens e significados trazidos pela narrativa visual da obra escolhida.

Palavras-chave: Livro Ilustrado, Narrativa visual, Sete patinhos na lagoa.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Ramos e Nunes (2013, p.254) “palavra e ilustração precisam acolher o leitor e permitir-lhe encontrar no texto uma brecha para dele fazer parte, interagir, interferir, exercendo o papel de leitor, aqui entendido como produtor de sentido”. Sobre essa parceria que se forma entre texto e imagem, e principalmente, a necessidade em estudá-las, serão utilizados as teorias de Van der Linden (2011), Graça Ramos (2011), Nikolajeva e Scott (2011) dentre outros autores que contribuem nos estudos acerca de livro infantil e leitura de imagens.

Neste artigo, de forma prática, será analisada a relação das linguagens verbal e visual estabelecida no livro *Sete Patinhos na Lagoa* (2012), ed. Biruta, autoria de Caio Riter e ilustração do Laurent Cardon. A obra foi escolhida por ser um livro ilustrado vencedor na categoria Criança da premiação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, FNLIJ, no ano de 2014. A premiação acontece desde 1975 e suas listas de vencedores são um recorte importante do cenário literário infantil e juvenil, revelando mudanças nas temáticas



abordadas, nas concepções gráficas, ilustrações e evolução da comunicação do livro com o leitor. É ainda, a única premiação no país a ter todas as categorias voltadas exclusivamente ao segmento infantil e juvenil, valorando os envolvidos no processo de se fazer o livro.

Para a metodologia considera-se o livro sob o aspecto da informação, ou seja, não é abordado qualquer especificidade tangível tais como formato, papel utilizado, gramatura, materiais adicionais etc. Exclusivamente o conteúdo e a organização da informação, a história contada através da dinâmica entre palavra e imagem. Para o entendimento e interpretação da comunicação visual no livro serão feitas análises sintática e semântica, utilizando-se das leituras da Gestalt e os conceitos da Semiótica Peirceana respectivamente.

Em pesquisa sobre o design gráfico brasileiro, Chico Homem de Melo (2006, p.61) afirma que “o estudo da ilustração nos livros e revistas brasileiros ainda é uma lacuna a ser preenchida”. Considerando o livro infantil um espaço de grande importância à ilustração, o intuito do artigo é fomentar o interesse às pesquisas sobre leitura de imagens e design gráfico, em especial, contribuir para quem se dedica aos estudos em design da informação, comunicação visual e ilustração, bem como, apresentar o livro infantil contemporâneo como importante objeto de estudos.

2. LIVRO INFANTIL

Estudar o livro infantil é entendê-lo como um objeto cultural que se utiliza de múltiplas linguagens para apresentar uma história. A ilustração tem papel importante neste artefato e é um dos meios mais rápidos de comunicação junto ao leitor iniciante. O livro infantil aqui estudado é categorizado como livro ilustrado, para Van der Linden (2011, p. 8) “o livro ilustrado evoca duas linguagens: o texto e a imagem”. Estas duas linguagens narram a história, por isso, precisam ser lidas conjuntamente. Graça Ramos (2011, p.84) afirma que “estudos literários passaram a optar pelo termo ‘livro infantil contemporâneo’. No caso ‘contemporâneo’ tenta dar conta dessa relação específica entre palavra/imagem”.

Possivelmente, essa necessidade de nova nomenclatura surge do reflexo das mudanças na linguagem e comunicação dos livros infantis atuais. Ou ainda, da necessidade dos críticos e estudiosos em novas terminologias, como mostram Nikolajeva e Scott (2011, p.112) quando dizem “muitos críticos desses livros insistem na busca por termos específicos para representar o inter-relacionamento de texto e imagem, como se um termo fosse radicalmente diferente do outro”.

Buscando compreender melhor o livro infantil, Van der Linden (2011, p.24-25) consegue apresentar categorias além do ilustrado, a saber: livro com ilustração, primeiras leituras, histórias



em quadrinhos, livros pop-up, livro-brinquedo, livros interativos e imaginativos. Sobre livros ilustrados a autora afirma tratar-se de “obras em que a imagem é especialmente preponderante em relação ao texto, que aliás pode estar ausente [é então chamado no Brasil, de livro-imagem]. A narrativa se faz de maneira articulada entre texto e imagens” (VAN DER LINDEN, 2011, p.24).

Por ter a imagem como destaque, o livro ilustrado, apesar de não ter fórmulas e regras, apresenta como característica a brevidade do texto e uma maneira peculiar no processo de leitura que “se elabora por idas e vindas entre a mensagem do texto e a da imagem; um texto curto permite manter um ritmo de leitura relativamente equilibrado entre as duas expressões”. (VAN DER LINDEN, 2011, p.47). As autoras Nikolajeva e Scott (2001, p.14) concordam com essa particularidade da leitura e complementam “o leitor se volta do verbal para o visual e vice-versa, em uma concatenação sempre expansiva do entendimento. Cada nova releitura, tanto de palavras como de imagens, cria pré-requisitos melhores para uma interpretação adequada.”

Assim, entende-se que o livro ilustrado requer uma leitura que vai e volta tantas vezes quanto se julgue necessária para a compreensão da história. O ir e vir entre palavra e imagem revela e amplia detalhes que tornam mais claras a mensagem a cada nova leitura.

Entender os mecanismos dessa comunicação, cujo papel da ilustração na narrativa é tão importante quanto o texto verbal, e difundir a necessidade de uma leitura múltipla é o que defende Dondis (2003, p.231) na teoria de Alfabetismo Visual:

Alfabetismo visual significa uma inteligência visual (...) Maior inteligência visual significa compreensão mais fácil de todos os significados assumidos pelas formas visuais. As decisões visuais dominam grande parte das coisas que identificamos e dominamos, inclusive na leitura. A importância desse fato tão simples vem sido negligenciada por tempo longo demais. A inteligência visual aumenta o efeito da inteligência humana, amplia o espírito criativo. Não se trata apenas de uma necessidade, mas, felizmente, de uma promessa de enriquecimento humano para o futuro.

Para a análise de *Sete patinhos na lagoa* (2012) e em busca de melhor compreensão e interpretação das imagens deste livro, serão utilizados os critérios encontrados na teoria da Gestalt e suas técnicas visuais, bem como, o uso da Semiótica Peirceana, visto que a finalidade da análise é apresentar uma visão sintática, semântica e pragmática das ilustrações.

3. METODOLOGIA

As análises se estruturarão seguindo o pensamento do método de leitura de imagens de Edmund Burke Feldman, definido em quatro etapas: descrever a imagem, analisar, interpretar e emitir julgamento. O método de Feldman surge na década de 70 com a proposta de uma leitura de imagens “para formar um olhar crítico e trabalhar a construção de uma pessoa mais crítica em



termos de arte” (LÉLIS, 2004, apud ARAÚJO; OLIVEIRA, 2013, p.72), foi escolhido por ser facilmente aplicável à análise interpretativa em um livro infantil. Como forma de eliminar possíveis erros de interpretação, dada a complexidade da relação estabelecida entre imagem e texto no objeto escolhido, optou-se por substituir algumas nomenclaturas, fig.1.

Estágios	Descrição	Estágios	Descrição
Descrever	Identificar o que se vê na obra visual, apenas o que está evidente.	Apresentação	Apresentar a obra de forma breve - enredo, personagens...
Analisar	Identificar na obra elementos da composição visual, estabelecendo relações entre os elementos.	Análise Sintática	Identificar na obra elementos da composição visual - uso da Gestalt
Interpretar	Dar sentido ao que observou na obra, procurando identificar quais os sentidos, ideias, sentimentos e expressões intencionadas pelo autor.	Análise Semântica e Pragmática	Dar sentido ao que observou na obra, identificando quais ideias, sentimentos e expressões intencionadas pelo autor - uso da Semiótica
Julgar	Emitir juízo de valor sobre a obra, se ela é importante ou não, se tem qualidade estética.	Conclusões	Emitir juízo de valor sobre a obra.

Figura 1 - Esquerda: Método Feldman, reprodução de Araújo, Oliveira (2013). Direita: adaptação da autora (2016) com base na análise de um livro infantil.

3.1 Gestalt e Semiótica

Como dito anteriormente, as análises sintáticas e semânticas serão embasadas nas teorias de Gestalt e Semiótica Peirceana, respectivamente. A Gestalt é uma escola de Psicologia Experimental, que atuou principalmente no campo da teoria da forma (GOMES FILHO, 2000). Noble e Bestley (2013, p. 26) conceituam a Gestalt como o todo unificado decorrente da percepção visual humana e comentam sobre a importância de seu entendimento na comunicação:

O princípio fundamental da Gestalt é conhecido por *Pragnanz*, e baseia-se na tendência humana de organizar elementos de maneira regular, simétrica e, em grande medida, baseada na simplicidade. A teoria dos princípios inatos pelos quais objetos e suas relações podem ser percebidos como estando organizados ou agrupados é um alicerce útil para o designer no entendimento de como a composição pode comunicar sentido para um espectador.

Para que as leituras visuais tornem-se mais completas é necessário o conhecimento das leis da Gestalt: Unidade, Segregação, Unificação, Fechamento, Continuidade, Semelhança e/ou Proximidade e Pregnância da forma. Essa nomenclatura varia de autor para autor, aqui, será mantida como padrão as mencionadas, referência de Gomes Filho (2000), embora também utilizemos o olhar de outro teórico da imagem, Jacques Aumont (2002).

A teoria da Gestalt refere-se a capacidade humana de perceber a forma como unidade, implicando na “existência de um todo que estrutura suas partes de maneira racional” (AUMONT, 2002, p.68). Ou, como nos mostram Noble e Bestley (2013, p. 16) “o todo é maior que a soma de



suas partes individuais”. A partir da Gestalt, entende-se como o olho humano identifica formas, separa figura fundo, busca harmonia e equilíbrio para captar o que é visto. O que favorece o estudo na compreensão da mensagem visual para o leitor. Entendendo o processo que se faz para decodificar a mensagem visual, é possível compreender onde existe ruídos na informação.

A Semiótica é conhecida como a teoria dos signos, fundada por Charles Sanders Peirce (1839-1914), que define signo ou “representante” por ser “toda coisa que substitui outra, representando-a para alguém, sob certos aspectos e em certa medida” (PIGNATARI, 2008, p. 29). O signo é classificado em três níveis, a saber: Ícone, “quando possui alguma semelhança ou analogia com o seu referente” (PIGNATARI, 2008, p.31); Índice, “quando mantém uma relação direta com seu referente, ou a coisa que produz o signo” (IDEM) e Símbolo, quando o signo adquirido é resultado de uma associação de ideias convencionais (COELHO NETTO, 2010).

O processo de estudar os signos pode ser feito em três níveis: sintático, semântico e pragmático. Para o nível sintático entende-se como a análise formal do signo. No nível semântico temos o estudo que envolve significado entre o signo e o seu referente. Ao nível pragmático, o estudo que envolve relação de significados com o interpretante (PIGNATARI, 2008).

Após determinar o signo, encontra-se o efeito interpretativo que este produz, denominado Interpretante (SANTAELLA, 2002, p.23). O interpretante também é dividido em três: imediato, dinâmico e final. Coelho Netto (2010, p. 71) assegura que “Interpretante Imediato corresponde ao Sentido (palavra à qual Peirce continuou preferindo o termo antigo Acepção), o Interpretante Dinâmico equivale ao Significado e o Interpretante Final, à Significação”. Ainda sobre interpretante, Santaella (2002, p.26) acrescenta que o interpretante final é na verdade um limite pensável, mas não atingível. Em suma, o interpretante primeiro tem o sentido do signo, ou seja, o efeito que o signo causa de imediato; depois encontra significado, uma ação que depende do seu conhecimento prévio para, por fim, entender sua significação, que se refere ao efeito total que o signo lhe causa. (COELHO NETTO, 2010).

As teorias apresentadas servirão para analisar o livro selecionado, nas etapas de Análise Sintática e Semântica. O objetivo é compreender a dinâmica das linguagens gráfico-pictóricas e o projeto da comunicação visual do livro infantil. Observar como foram conduzidas as informações, quais artifícios e soluções encontrados para levar o leitor a descobrir, ou construir, mensagens e histórias dentro da narrativa apresentada.

4. ANÁLISES E RESULTADOS

4.1 Apresentação

A história trata da saga do malvado jacaré Barnabé para comer todos os sete patinhos que apareceram em sua lagoa. Para isso, o jacaré se fantasia de Batman com máscara e capa, de atriz de cinema com peruca e óculos de sol, enfim, não mede esforços para enganar os patos na lagoa. O livro é uma parlenda acumulativa, “na maioria das parlendas acumulativas, a história termina com a vitória do vilão e o desaparecimento dos personagens, mas esta história continua e o narrador, contador e poeta vai descobrir uma maneira de dar um final diferente”¹. O livro escolhido está indicado para crianças entre 4 e 5 anos, venceu a categoria Criança da FNLIJ em 2014 e faz parte do acervo do PNBE² deste mesmo ano.



Figura 2 – Capa do livro *Sete patinhos na lagoa* (2012), Caio Riter, Ed. Biruta.
Fonte: <http://www.editorabiruta.com.br/livro/sete-patinhos-na-lagoa>.

4.2 Análise Sintática

Ao longo de todo o livro o uso contrastante das cores possibilita a separação figura/fundo com eficiência, como também, distingue os personagens em cena (verde para jacaré e amarelo para os patinhos), tornando a ilustração limpa, sem confusão de identificação dos personagens. Observa-se para a representação dos patinhos, além da cor, o uso repetido da lei de Semelhança e Proximidade, trazendo os patos sempre juntos. Ao deixar todos os personagens agrupados se consegue uma harmonia visual, quase reproduzindo uma única forma, como visto na fig.3.

¹ Depoimento da Dr.^a em Estudos Literários Neide Medeiros Santos, votante do prêmio da FNLIJ 2014. Retirado do Caderno Prêmio 2014 (Produção 2013) da FNLIJ – Justificativa dos leitores-votantes.

² Programa Nacional Biblioteca da Escola de responsabilidade do Ministério de Educação (MEC).



Figura 3 - Encontro dos patinhos com o jacaré Barnabé.
Fonte: <http://www.editorabiruta.com.br/livro/sete-patinhos-na-lagoa>.

Observa-se o texto escrito em caixa alta com tipografia que remete a um estilo escrito à mão, caligráfico. Com traços simples, a tipografia parece ter sido escolhida exatamente para não confundir a leitura da criança, visto que:

Para as crianças as formas simples e claras são mais fáceis de serem reconhecidas. Apesar de alguns autores afirmarem que a serifa facilita o reconhecimento dos caracteres, e ajudam na sua diferenciação, e outros apontarem que o uso de serifas não apresenta um efeito significativo na leitura das crianças, acredita-se que o mais importante seja a clareza destes caracteres assim como a sua similaridade com a escrita caligráfica (LOURENÇO, 2011, p.104)

Alguns aspectos observados sintaticamente deve ser mencionados ainda na fig.3, pois, é possível perceber o agrupamento dos patos em movimento de mesma direção, resultando em uma unidade de forma, conseqüentemente, em uma unidade visual. Este recurso só é quebrado, quando o jacaré ataca os patos, representando fuga eles passam a ir em direções opostas.

Ao longo da narrativa, os patinhos por vezes são mencionados como “o menorzinho” ou o “maior”, no entanto, a ilustração não acompanha esse raciocínio e os coloca sempre do mesmo tamanho, ampliando ainda mais a ideia de grupo e unidade. Já em relação ao jacaré, o contraste de tamanho entre eles é característica recorrente, como visto na fig.4.



Figura 4 - Pato ao lado do jacaré na lagoa.
Fonte: <http://www.editorabiruta.com.br/livro/sete-patinhos-na-lagoa>

O pato é simplesmente uma forma pequena, amarela, de bico laranja. Em contrapartida,



apenas um detalhe da cauda do jacaré revela a dimensão e a disparidade de tamanho entre eles. É curioso perceber que enquanto o pato é visto sem definição de forma, o jacaré é apresentado com grafismos detalhados em seu corpo.

4.3 Análise Semântica e Pragmática

Para compreender o texto e as imagens ao longo da obra, observa-se com atenção os índices e mensagens que a ilustração nos entrega. É neste olhar atencioso para a linguagem pictórica, que podemos achar a história dentro da história, como nos mostra Teixeira et al. (2014):

A combinação da arte verbal e visual é mais complexa do que um trabalho artístico, pois funciona como uma parte vital de um trabalho literário, onde frequentemente informações e significados não presentes no texto são adicionados por meio da linguagem visual para criar história dentro da história (TEIXEIRA et al., 2014, p.132).

O texto apresenta os personagens mostrando características de cada um, o jacaré Barnabé mostrado como feio, esfomeado, com “feia bocarra” “bafo pestilento” (RITER, 2012, p.4), atrevido, “na arte de comer patos, o jacaré não era aprendiz” (RITER, 2012, p.12). No que se refere aos patos, o texto, além de mencionar maior e menor, traz características de alguns deles como o que desejava a fama ou o mais peralta. O termo “patinho” que aparece com frequência, denota fragilidade aos personagens, enquanto o jacaré tem nome próprio e sempre vem acrescido de adjetivos como atrevido, terrível ou comilão, fomentando assim a ideia de um personagem malvado contra os personagens bonzinhos e indefesos.

Nas ilustrações, o jacaré tem muitos detalhes, ênfase na boca grande com dentes pontiagudos e pele com grafismos. Os patos são sempre representados como um grupo, sem diferença entre eles.

Semanticamente, podemos identificar:

Interpretante imediato: **7 patinhos** – bondade, pureza. **Jacaré** – malvado

Interpretante dinâmico: **Jacaré** – Representado com muitos detalhes, corpo grande e boca cheia de dentes. A boca do jacaré é sempre bem destacada, com direito a detalhe dos dentes pontiagudos e abertura enorme, uma clara alusão a um personagem perigo e faminto. **Patos** – Representados com corpo amarelo sem muitos detalhes, pequenos em relação ao jacaré e sempre em grupo. Através da caracterização dos patos é possível entendê-los como um grupo indefeso e ingênuo. Em muitas situações os patos estão unificados, criando assim uma mesma forma composta de vários patos.

Interpretante final: **Jacaré** – vilão, esperto, maldade. **Patos** – grupo, união, ingenuidade. **Lagoa** – imensidão, o desconhecido.



Conforme análise pragmática, por toda a narrativa vimos os patinhos fugindo do jacaré, no entanto, um sempre mergulha, foge do padrão do grupo. Sabendo que ao final da história, um deles engana o jacaré e consegue salvar todos os outros engolidos, é possível que esse patinho seja o esperto que ao final vence o jacaré. Neste caso, o pato mergulhando enquanto todos fogem desesperados é um índice de que no grupo um pato está além do comportamento padrão dos demais. A ilustração vem trazendo essa informação ao longo da obra, fig.5.

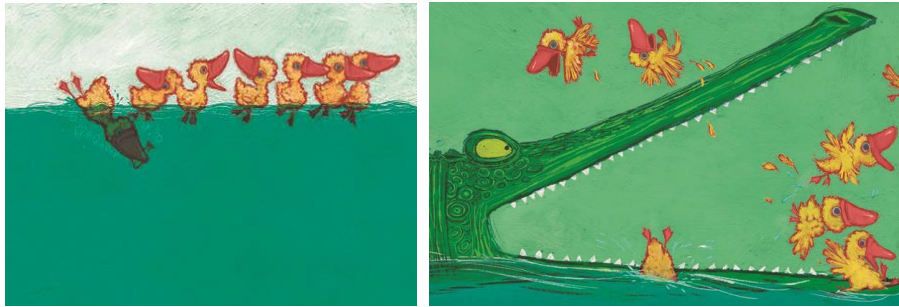


Figura 5 - Detalhe de um dos patos mergulhando no decorrer da narrativa.
Fonte: www.editorabiruta.com.br/livro/sete-patinhos-na-lagoa.

Acompanhando a narrativa, os patinhos estão sempre em desvantagem, caindo nas histórias e disfarces de Barnabé, e assim, sendo engolidos um a um. No confronto final, ao ter dois patinhos engolidos de uma vez, o sobrevivente conversa com o jacaré, o engana e, fazendo cosquinhas com uma pena, faz o maldoso Barnabé cuspir os demais patinhos com vida. As penas aparecem sempre que os patos se movem, fogem ou quando são engolidos. Podem ser vistas muitas vezes e são peça chave para o desfecho final. A pena aqui se apresenta como um símbolo forte da presença do grupo, visto que durante toda a narrativa os patos são retratados como uma forma simples de cor amarela e bico laranja. Curiosamente, a cor amarela é vista popularmente como referência ao medo.

4.4 Considerações

Por ser um livro infantil voltado para o leitor iniciante, a ilustração utiliza-se com sucesso de alguns recursos: delimitar aos personagens por cores bem marcadas e de fácil associação à criança, fazendo com que formas simples e pouco definidas representem pequenos patos. Uma solução interessante, dialoga diretamente com o pequeno leitor por ser uma saída corriqueira em seu universo. A ilustração se vale da lei de proximidade e semelhança transformando os patinhos em uma unidade. A ideia transmitida com esse recurso é a de grupo, aliança, onde todos estão sempre juntos, respondendo com movimentos similares.

No campo simbólico e pragmático da história, os elementos de luta do bem contra o mal



(patos versus jacaré) são a linha narrativa do livro, tema muito frequente na literatura infantil. No entanto, ao verificar a simbologia representada pelos patos, atesta-se que o verdadeiro conceito é de fato o da força do grupo. Quem vence o bandido da história não é um patinho isolado, mas todo o grupo. No melhor estilo “a união faz a força”, o livro mostra um grupo de ingênuos patinhos lutando para sobreviver em um lugar desconhecido, contra um vilão esperto e traiçoeiro, conseguindo sair vitoriosos ao final.

O gesto esperto do patinho ao final faz refletir sobre o crescimento/amadurecimento que este apresentou ao longo das emboscadas do jacaré. Em uma alusão ao mundo real, podemos considerar uma outra mensagem, a de cuidado e atenção que a criança precisa ter em um ambiente desconhecido, sobretudo, na presença de estranhos. Por todo o livro, o jacaré engana os patos com histórias fantasiosas, oferece “doce e picolé” (RITER, 2012, p.23), se faz de herói, são mostradas muitas possibilidades de convencimento, em nenhuma delas os patos questionaram ou simplesmente ignoraram. Ao contrário, a história mostra Barnabé conseguindo a atenção de todos para depois atacá-los.

Por fim, ao acompanharmos o diálogo do texto e ilustração, percebemos que em algumas situações a ilustração não é fiel ao texto, por exemplo, quando um dos patos é mencionado como “o menorzinho”, em nenhum instante eles aparecem em escala de tamanhos diferentes, todos são iguais, em forma, cores e tamanhos. Uma liberdade da ilustração cujo propósito parece ser o de enaltecer a ideia de coletivo e igualdade dos patos. O livro *Sete Patinhos na Lagoa* aborda temas de confiança, perigo e espírito de equipe de forma lúdica, com ilustrações inteligentes, criativas, permeadas por índices e símbolos que ajudam a contar a história escrita, ou ainda, cria possibilidade para ampliá-la.

Um claro exemplar cuja narrativa visual acrescenta, enaltece e sobretudo se une a narrativa verbal para juntos levarem uma história bem apresentada e coerente com a idade indicativa do público alvo, sem no entanto, afastar o interesse de leitores com mais repertório e prática de leitura. Rimas, cores, caracterizações de disfarces bem construídos, conseguiram resultar em uma comunicação visual inteligente, atrativa e eficiente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gustavo Cunha; OLIVEIRA, Ana Arlinda. Sobre métodos de leitura de imagem no ensino da arte contemporânea. **Revista Imagens da Educação**. Maringá, PR, v.3, n.2, p.70-76, 2013. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/20238>. Acesso em: 08/10/2016.



AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 7ª ed. São Paulo: Papyrus, 2002.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, Informação e Comunicação**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

HOMEM DE MELO, Chico (org.). **O design gráfico brasileiro: anos 60**. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LOURENÇO, Daniel Alvares. **Tipografia para livro de literatura infantil: desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers**. 2011. Dissertação (Mestrado em Design), Programa de Pós-graduação em Design, UFPR, Curitiba, 2011.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado: palavra e imagens**. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NOBLE, Ian. BESTLEY, Russel. **Pesquisa Visual: introdução à metodologias de pesquisa em design gráfico**. Trad. Mariana Bandarra. 2ª ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PIGNATARI, Décio. **Informação, Linguagem e Comunicação**. 28ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

RAMOS, Flávia Brocchetto; NUNES, Marília Forgearini. Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura. In: **Educar em Revista**, n. 48, p. 251-263, abr./jun. 2013. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

RITER, Caio. **Sete patinhos na lagoa**. Ilustrações: Laurent Cardon. São Paulo: Biruta, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

TEIXEIRA, Deglaucy Jorge; NUNES, Juliane Vargas; GONÇALVES, Berenice S.; SOUSA, Richard Perassi Luiz de. Linguagem visual e princípios de design em ebook interativo infantil. **Revista Palíndromo**. Florianópolis - SC, v.6, n.12, p.129-143, 2014. Disponível em <http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/4858>. Acesso em: 20/05/2016.

VAN DER LINDEN, Sophie. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.